# NOVAS ARTICULAÇÕES URBANO-REGIONAIS DO SISTEMA INDUSTRIAL LOCALIZADO CALÇADISTA DE FRANCA (SP)

*NEW REGIONAL URBAN ARTICULATIONS OF THE INDUSTRIAL SYSTEM LOCATED FOOTWER IN FRANCA (SP)*

*NOUVEAUX ARTICLES RÉGIONAUX URBAINS DU SYSTÈME INDUSTRIEL LOCALIZÉS CHAUSSURES À FRANCA (SP)*

**JOSÉ EUDÁZIO HONÓRIO SAMPAIO**
Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Fortaleza/CE.
E-mail: eudaziosampaio@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho tomou como objeto de estudo as dinâmicas produtivas do Sistema Industrial Localizado (SIL) calçadista de Franca (SP), mediante o processo de reestruturação produtiva. Objetiva-se, deste modo, analisar as novas articulações urbano-regionais deste SIL, a partir da adoção de estratégias de acumulação pautadas na redução de custos, da disjunção funcional, de uma economia local em rede e, principalmente, da ampliação da divisão do trabalho, dinamizadoras dos circuitos espaciais produtivos. Para isso, uma metodologia foi traçada a partir de um levantamento bibliográfico e documental; levantamento estatístico e montagem de banco de dados; a montagem de hemerotecas temáticas e trabalho de campo. Como conclusões apontamos as novas articulações urbano-regionais estabelecidas a partir do processo de reestruturação produtiva, com base na disjunção funcional das atividades e na centralização da produção por Franca, no espaço urbano, em sua região e no território nacional.

**Palavras-chave:** reestruturação urbano regional, sistema industrial localizado, indústria de calçados, Franca (SP).

**Abstract:** The present paper took as an object of study the productive dynamics of the Located Industrial System (SIL) of footwear in Franca (SP), through the process of productive restructuring. Thus, the objective is to analyze the new regional urban articulations of this SIL, based on the adoption of accumulation strategies based on cost reduction, functional disjunction, a local network economy and, mainly, the expansion of the division of labor, dynamizers of the productive space circuits. For this, a methodology was drawn from a bibliographic and documentary survey; statistical survey and database assembly; the setting up of thematic newspapers and fieldwork. As conclusions we point out the new regional urban articulations established from the process of productive restructuring, based on the functional disjunction of the activities and on the centralization of footwear by Franca, in the urban space, in his region and in the national territory.

**Keywords:** regional urban restructuring, located industrial system, footwear industry, Franca (SP).

**Resumé:** Le présent travail a pris comme objet d'étude la dynamique productive du Système Industriel Localisé (SIL) de la chaussure à Franca (SP), à travers le processus de restructuration productive. Ainsi, l'objectif est d'analyser les nouvelles articulations urbaines régionales de ce SIL, basées sur l'adoption de stratégies d'accumulation basées sur la réduction des coûts, la disjonction fonctionnelle, une économie de réseau local et, principalement, l'expansion de la division du travail, dynamiseurs des circuits spatiaux productifs. Pour cela, une méthodologie a été tirée d'une enquête bibliographique et documentaire; enquête statistique et assemblage de bases de données; la mise en place de journaux thématiques et de travaux de terrain. En guise de conclusion, nous soulignons les nouvelles articulations urbaines régionales établies à partir du processus de restructuration productive, basées sur la disjonction fonctionnelle des activités et sur la centralisation de la production par Franca, dans l'espace urbain, dans sa région et sur le territoire national.

**Mots-clés:** restructuration urbaine régionale, système industriel localisé, Industrie de la chaussure, Franca (SP).

## Introdução[1]

A crise do regime de acumulação fordista, no último quartel do século XX, causou fortes mudanças ligadas à organização produtiva e do trabalho. A nova divisão internacional mediante à globalização levou ao reaparecimento das discussões locais, vistas como formas possíveis de saída para os problemas enfrentados (REIS, 1992; BENKO, 1999).

A produção industrial calçadista, neste aspecto, passou por transformações significativas, principalmente por meio da tentativa de redução de custos, com papel essencial das inovações tecnológicas e das reengenharias produtivas. Neste sentido, a reestruturação que não é apenas produtiva, mas territorial, está atrelada aos estímulos de flexibilidade, disjunção funcional e dinamização dos circuitos espaciais, sobretudo ao inter-relacionar espaços periféricos com centros tradicionais.

As regiões tradicionalmente industrializadas, como é o caso do Sistema Industrial Localizado (SIL) de Franca (SP), ao estarem inseridas neste contexto, consolidam uma reestruturação estratégica. As novas formas de organização produtiva e trabalho, no espaço, representam a complexidade dos processos em curso. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as novas articulações urbano-regionais do SIL calçadista de Franca.

Deste modo, algumas atividades teórico-metodológicas compõem a base da pesquisa, quais sejam: a) um levantamento

[1] O artigo apresenta alguns resultados da pesquisa desenvolvida junto ao mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (ProPGEO/UECE) sob a orientação do Professor Dr. Edilson Alves Pereira Júnior. Também está vinculado aos resultados de pesquisas financiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

bibliográfico, a partir das discussões de reestruturação produtiva e territorial, organização da produção e relações de trabalho e sistemas industriais localizados; b) um levantamento estatístico, com base no Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (SINDIFRANCA) e Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE); c) hemerotecas temáticas: a partir do Google Alerta e das palavras-chave: indústria calçadista de Franca, calçados em Franca etc.; e, d) trabalho de campo, voltado para o entendimento das novas articulações urbano-regionais do SIL de Franca e estratégias espaciais dos agentes produtivos, a partir de entrevistas com trabalhadores e donos de fábricas.

Além desta introdução e da conclusão, este artigo está subdividido em outras três partes, que apresentam abordagens essenciais para o presente estudo. Nos itens seguintes são analisados aspectos ligados à reestruturação produtiva e aos SILs; em seguida é feita uma discussão a respeito de Franca neste processo e, na terceira parte, acerca dos impactos urbano-regionais deste SIL específico.

## Reestruturação produtiva e desenvolvimento regional: o papel dos Sistemas Industriais Localizados

A transformação político-econômica do capitalismo em fins do século XX, como ressalta Harvey (2004), caracterizada sobretudo pela transição das formas de organização do trabalho em curso e pela inserção de modelos produtivos flexíveis, reflete os aspectos iniciais da crise do modo de regulação fordista.

Neste processo, a introdução de técnicas flexíveis, bem como, a variedade de novos produtos, abre a possibilidade da reorganização do processo de produção global, ao contrário dos ditames vigentes até

então, a partir de uma tendência à divisão cada vez maior de atividades, e ainda, da concorrência de trabalho qualificado em países desenvolvidos e mão de obra barata nos países em desenvolvimento.

Desse modo, tratar de uma nova configuração de acumulação capitalista, pautada por um novo regime de acumulação, deve-se entender que ela é resultado de medidas tomadas por agentes específicos nos países capitalistas centrais, para resolver a crise estrutural que se manifestava e comprometia o aumento das taxas de lucratividade, desde a década de 1970. Tudo isso gerou uma financeirização muito maior nas relações estabelecidas por agentes econômicos nos territórios, e garantiu maior divisão do trabalho em âmbito regional, nacional e global, modificando tradicionais estruturas produtivas.

Ao mobilizarem um bloco de agentes econômicos e governamentais capazes de levar o sistema com frequência a um novo arranjo, as normas estabelecidas na busca de lucratividade máxima ultrapassam as relações estabelecidas entre as finanças e tomam forma no novo mundo industrial (VELTZ, 2008).

O aparecimento da dominação financeira, como destaca Mendéz (2018), impacta diretamente no funcionamento e na organização das empresas que, ao abrirem capital na bolsa de valores, com o objetivo de obter maiores rendimentos a curto prazo e revalorizar suas ações, que impulsionam a segmentação dos processos de produção.

No contexto dessa reestruturação do controle do trabalho, marcada pela dispersão produtiva e geográfica, os reflexos se encontram na divisão técnica dos processos produtivos, sobretudo ao incrementar novos lugares aos circuitos espaciais da produção

(PEREIRA JÚNIOR, 2012). A emergência de um novo modelo é apresentada quando o sistema produtivo se fratura, como por exemplo, os tecnopólos, a Terceira Itália, os distritos industriais ou os sistemas industriais localizados.

Um novo sistema em que o dinamismo endógeno das coletividades territoriais e locais ganham destaque enquanto justaposição às formas fordistas. As relações de sinergia e cooperação entram como perspectiva, capazes de transformar a organização socioeconômica do sistema produtivo.

Neste sentido, é notável o aumento da externalização, deslocalização de tarefas ou ainda de produção inteiras, com o objetivo de reduzir custos, elevar os benefícios da empresa, mas também, melhorar a produtividade, diminuir o enclave de empresas no território e, assim, aumentar a divisão regional e inter-regional do trabalho. Ao mesmo tempo, o impacto é sentido sobre o trabalho, com precarização cada vez maior do trabalhador e das relações laborais.

É neste sentido que Méndez e Caravaca (1996) ressaltam a descentralização produtiva, uma estratégia empresarial, tida como resposta às mudanças em curso, como possibilidade à maior capacidade de adaptação às instabilidades do mercado e a redução dos custos de desintegração do processo produtivo, mediante o maior número de estabelecimentos separados, pertencentes à mesma empresa ou empresas diferentes.

A reestruturação, como destaca Soja (1993), está ligada à uma mudança de ordenamento e configuração significativa da vida social, econômica e política. Todavia, "não é um processo mecânico e automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são predeterminadas" (SOJA, 1993, p. 194). Ela se

caracteriza como uma reforma parcial, uma mescla complexa, não podendo ser considerada como uma estrutura que sobrepõe a outra (GOMES, 2007). Passam a coexistir elementos antigos e novos e, desta forma, as empresas industriais, mesmo fazendo uso de modernas formas flexíveis, ainda apresentam características tradicionais.

O desenvolvimento rápido das ligações de subcontratação não responde somente ao problema da grande firma; visa também modificar as relações entre as pequenas e as grandes empresas e a introdução de uma dinâmica nova nos sistemas de produções regionais. O recurso da subcontratação vira uma estratégia quase sistêmica, na medida em que há uma externalização de certas atividades e isso permite à grande empresa diminuir seus custos de produção, além de levar vantagem pela diminuição dos preços a partir da especialização do fornecedor, com menores custos sociais. Tal estratégia permite que a empresa, frequentemente, controle o aparelho de produção regional (FISCHER, 1994).

É dentro desta perspectiva, e com o redescobrimento do papel regional/local com expressiva participação das Pequenas e Médias Empresas, que são utilizadas as medidas de flexibilidade expressas pela desintegração vertical. Também ocorrem novos equilíbrios entre externalização e integração de inúmeras tarefas, que geram economias de escala oriundas da produção em coletividades localizadas. O novo modelo de desenvolvimento regional, ganha expressão mediante as sinergias que passam a ser estabelecidas. As relações horizontais criadas entre agentes locais e regionais são sensíveis a todos estes processos, gerando o que muitos autores chamaram de “meios inovadores” (AYDALOT, 1985).

Segundo Fischer (1994), eles são fenômenos territorializados, com papel primordial de integração, que possuem uma dimensão espacial e de proximidade física através de uma estrutura descentralizada e favorável ao crescimento de relações e das solidariedades entre atores de desenvolvimento. Esse novo sistema torna a escala local um ambiente de múltiplas oportunidades, com relações de sinergia e de associação, repleto de novos atores importantes na estruturação da industrialização difusa.

Neste trabalho, estes fenômenos são lidos a partir da análise dos Sistemas Industriais Localizados, uma discussão iniciada por Reis (1992), pautada na difusão industrial, desenvolvimento intermédio e não metropolitano. Considera o conjunto de circunstâncias que caracterizam o sistema produtivo, a partir de suas especificidades em relação às outras formas de desenvolvimento local, sobretudo, os aspectos atrelados à reprodução social, embora coexistam o sistema de pequenas empresas, especialização, divisão local do trabalho industrial e sinergias locais de desenvolvimento endógeno.

O SIL é, portanto, uma aglomeração regional ou local de empresas concentradas em torno de um ou vários gêneros industriais, com expressivas relações de vida local e produção industrial, mas que não apresentam, ao contrário dos Arranjos Produtivos Locais[2], uma convergência ligada ao desenvolvimento. Isto é, embora aproveitem as amenidades territoriais, como economias externas, os agentes não tiram vantagens cooperativas.

Igualmente, é importante esclarecer que, os espaços utilizados como medidas para desconcentração de atividades

[2] Termo bastante difundido no Brasil, a partir dos estudos realizados pela Rede Pesquisa em Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais, sediada na Universidade Federal do Rio de Janeiro e formalizada em 1997.

produtivas dos países centrais em direção aos países periféricos, não condizem com os mesmos espaços locais de desenvolvimento endógeno e características territoriais, originados antes do processo de descentralização produtiva dos países desenvolvidos.

Neste aspecto, discussões acerca dos Distritos Industriais, por meio do resgate feito pelos estudiosos da Terceira Itália, Sistemas Produtivos Localizados, ou ainda, por meio dos estudos da escola californiana, com a acumulação flexível, ganharam força e se alastram até os dias atuais. Assim, a industrialização difusa e as características flexíveis destes aglomerados, dão suporte para manutenção de suas atividades, muito embora, estes sofram fortes impactos da globalização e dos aspectos ligados à financeirização atualmente, por não conseguirem se adaptar às novas demandas financeiras atuais ou por não conseguirem manter a competitividade.

É importante considerar o grau de desenvolvimento tecnológico, a competitividade, sua situação geográfica, o nível do trabalho empregado e, ao mesmo tempo, as relações estabelecidas dos agentes locais entre si e a relação destes com os externos.

Sem uma intermediação entre local/global, a partir das construções socioeconômicas e institucionais, criadas para estimularem ações e diminuírem custos, dificilmente haverá um fortalecimento destes sistemas produtivos, principalmente, quando se exige uma maior troca de informações entre agentes endógenos e exógenos.

O papel das instituições e do capital social é indispensável para reduzir as incertezas no processo de formação e consolidação dos aglomerados, sobretudo mediante a nova realidade global, como a reestruturação produtiva e territorial, se impõe como estratégia de competitividade. Quando isso não ocorre, os impactos são sentidos,

por exemplo, através do enfraquecimento do trabalho e do principal produto deste sistema, da perda de competitividade e, sobretudo, por meio de novos arranjos produtivos estabelecidos.

Assim, as antigas regiões industrializadas passam a adotar estratégias de acumulação pautadas na redução de custos e consolidam uma reestruturação urbano regional, com o uso de estratégias flexíveis multi e transescalares, na medida em que dinamizam os circuitos espaciais produtivos e complexificam as relações estabelecidas. Os impactos são inúmeros na produção e no trabalho, mas também, nos aspectos ligados à organização do território.

## O Sistema Industrial Localizado de Calçados em Franca (SP): origem e consolidação

A produção de calçados de Franca tem origem em meados do século XIX, a partir de uma produção subsidiada pela principal atividade econômica da cidade, isto é, a criação de gado de corte. É neste período que os primeiros curtumes proporcionaram o início da produção de artefatos e sapatões. Canôas (2007) ressalta que o couro, que substituiu o café, foi responsável por forjar o surgimento da industrialização em Franca já na primeira década do século XX, ao ser empregado na produção de calçados, selas, arreios etc.

O que se tinha era um ambiente favorável à formação de um SIL, principalmente por: a) existir uma mão de obra pré-qualificada, uma vez que parte dos trabalhadores eram imigrantes italianos, com relações diretas na produção de calçados; b) possuir matéria prima, o couro; e, c) a própria situação geográfica do município, localizado na "Estrada dos Goyazes", que ligava São Paulo à Vila Boa de Goiás, possibilitando assim, o aparecimento dos primeiros pontos de parada

de tropeiros (NAVARRO, 2006; CANOAS, 2007; BRAGA FILHO, 2000).

Segundo Navarro (2006), a expansão da produção francana se dá a partir de 1950, quando são dados estímulos à industrialização, com incremento da produção nacional, importação de máquinas, crescimento do mercado consumidor e logo, ampliação das fábricas do município. Há também a inserção de novos sistemas produtivos diferentes dos tradicionais calçados, como as botas, os 'sapatões' e os sapatos montados. Parte do trabalho realizado em domicílio ou em estabelecimentos menores é direcionado ao interior das grandes plantas industriais, as chamadas fábricas integradas, com formas de produção tayloristas/fordistas que se ampliavam, na busca de racionalizar o trabalho e a produção.

Na década de 1970, com os impulsos oriundos da ditadura militar às exportações, o atendimento ao mercado externo foi consolidado, sobretudo por meio de financiamento cooperativo entre o Banco do Brasil S.A e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, em que muitas empresas francanas passaram a exportar seus calçados. A partir de então, a busca pelo atendimento ao mercado externo passou a centrar atenção no cumprimento de prazos de entrega com grandes volumes, melhor qualidade e preços mais competitivos[3].

É neste contexto, com o aumento do volume de produção para atendimento ao mercado externo e a insuficiência do espaço físico para a produção, que se intensifica o processo de terceirização. Além disso, a tentativa de racionalizar a produção mediante a reestruturação produtiva em curso, fez com que etapas antes

[3] É válido salientar, que essas exportações muitas vezes não eram realizadas com marcas próprias, mas sim, com outros países, sobretudo dos Estados Unidos, que contratavam a produção de calçados no país.

concentradas no interior das fábricas passassem a ser enviadas para fora, como a costura manual e o pesponto[4]. Assim, nesta época, o trabalho em domicílio e o direcionamento às bancas foram intensificadas, como um tipo de repasse do trabalho, uma quarteirização da produção.

Franca se consolida como o maior produtor de calçados masculinos de couro do Brasil nesta década e, já na seguinte, se apresenta com o parque industrial estruturado, com a presença de um circuito produtivo completo, responsável por manter todo o sistema produtivo em pleno funcionamento.

Além de possuir as fábricas de calçados, passou a contar com produtores de insumos, como solados, adesivos, curtumes já tradicionais, matrizarias, máquinas e equipamentos, agentes de mercado interno e externo, além das instituições de ensino e pesquisa como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), ligados diretamente ao desenvolvimento de pesquisa e produtos para as indústrias e qualificação da força de trabalho.

Braga Filho (2000) destaca ainda que, apesar da conjuntura econômica dos anos 1980 ter sido de inflação e recessão, a indústria de calçados de Franca continuou mantendo o expressivo de trabalhadores estável. De acordo com o mesmo, em entrevista concedida em Franca, "nesse período, foi perceptível o crescimento populacional da cidade, sobretudo de pessoas vindas de cidades

[4] Navarro (2006) e Lara (2007) destacam que as principais etapas terceirizadas eram Pesponto, costura e corte. No entanto, atualmente, todas as etapas podem ser realizadas fora da fábrica.

próximas, que buscavam oportunidades na produção calçadista" (entrevista realizada em maio de 2017. Informação verbal).

Na década de 1990 ocorreram as grandes transformações. O setor passou a fazer uso cada vez maior do trabalho subcontratado. Com a abertura econômica e a própria reestruturação produtiva, o país entrou em período de recessão e os reflexos de medidas liberalizantes foram sentidos diretamente na produção calçadista de Franca, com impactos nos papéis de instituições e na conformação do sistema produtivo, sobretudo por estar fortalecido pela disjunção funcional efetivada, de uma economia local em rede e, principalmente, pela ampliação da divisão do trabalho.

## Novas dinâmicas espaciais e produtivas do Sistema Industrial Localizado de Franca (SP)

A indústria calçadista brasileira teve seu mapa de produção alterado ao incorporar estados nordestinos no circuito produtivo e forçar regiões tradicionais deste ramo industrial a buscarem novas estratégias competitivas ligadas, sobretudo, a diminuição de custos. Assim, o Sistema Industrial Localizado de Calçados de Franca, localizado a 400 km da capital paulista, enfrenta, desde os anos de 1990, inúmeras transformações organizacionais.

A busca por uma adequação produtiva flexível se deu através de uma nova divisão do trabalho, de reengenharias de produção e, em menor escala, por inovações tecnológicas, já que é um setor historicamente defasado. Desta forma, mesmo com o incremento de práticas flexíveis, como *just in time*, programas de controle de qualidade, grupos de trabalho e microeletrônica (CAD/CAM), as principais alterações estiveram ligadas à exploração do trabalho, ao aumento de horas trabalhadas e reorganização de

atividades, a partir da terceirização, externalização de etapas produtivas e o crescimento do número de estabelecimentos informais.

O aumento do número de bancas[5] menores, formais e informais, no intraurbano da cidade e o deslocamento de linhas de produção para municípios da região (em São Paulo e Minas Gerais), demonstram os novos arranjos produtivos que são estabelecidos neste SIL. Além disso, é de suma importância destacar que o aumento destas empresas menores está ligado à uma flexibilização interna e externa da produção, a partir da desverticalização produtiva e da transferência de etapas para outros estabelecimentos.

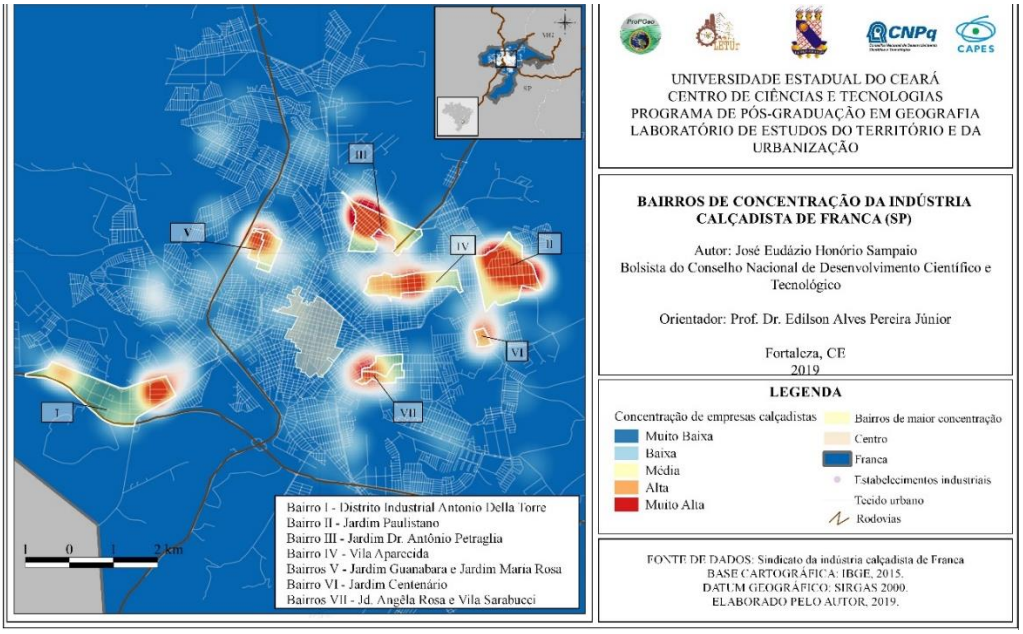
De acordo com o Ministério do Trabalho e do Emprego, o município de Franca passou de 21.949 empregos, em 1990, para 16.713 empregos diretos, em 2019. Enquanto isso, o número de estabelecimentos, passou de 769 para 1.456 (BRASIL, 2020). Há um crescimento dos estabelecimentos (90%), com representação maior de micro e pequenos, ao mesmo tempo em que há uma diminuição dos empregos (-24%), principalmente ligados aos médios e grandes estabelecimentos que passaram a externalizar atividades produtivas.

A produção de calçados de Franca cresceu, nas últimas décadas. Em 1990, representava 27 milhões de pares e chegou em 2013 a 39,5 milhões (SINDIFRANCA, 2018). O aumento na produtividade só foi possível através de medidas flexíveis de produção utilizadas por empresas maiores, ao subcontratarem estabelecimentos menores, não só no âmbito local, mas também, com um amplo circuito espacial produtivo na região e no território nacional.

[5] Estabelecimentos produtivos calçadistas formais e informais, geralmente, especializados em determinadas etapas produtivas.

No início da atividade produtiva, as maiores e mais tradicionais empresas de calçados francanas possuíam suas plantas industriais no Centro ou em bairros centrais da cidade. A partir do aumento do comércio na área central e algumas políticas de planejamento urbano, a atividade industrial foi direcionada às áreas periféricas. Isso proporcionou, entre outras coisas, o dinamismo produtivo e expansão da infraestrutura de bairros distantes do Centro, como mostra o Mapa 1.

**Mapa 1: Bairros de concentração das unidades de produção na indústria calçadista em Franca (SP).**




Fonte: SINDIFRANCA (2017); Organização: Sampaio, J. E. H, 2019.

É importante destacar que os estabelecimentos representados, dizem respeito às empresas vinculadas ao Sindicato da Indústria de Calçados de Franca, isto é, cerca de 10% da realidade atual da cidade, sem considerar, inclusive, os estabelecimentos

informais. O sindicato não atende às pautas de micro e pequenos estabelecimentos, por escolhas da própria instituição. Por isso, é apenas um indicativo de como se organiza a produção no tecido urbano da cidade atualmente.

Os estabelecimentos produtivos de calçados francanos estão, em grande parte, localizados em bairros periféricos, embora estendidos por toda a cidade. Em nossa análise, cinco classes de concentrações no município foram consideradas, quais sejam: muito baixa, baixa, média, alta e muito alta[6].

A concentração dos 315 estabelecimentos representados no mapa se dá, principalmente, nos seguintes bairros: Jardim Paulistano (47), Jardim Dr. Antônio Petráglia (40), Distrito Industrial (33), Vila Aparecida (32), Jardim Guanabara e Jardim Maria Rosa (19), Jardim Ângela Rosa e Vila Scarabucci (19), Jardim Centenário (11) e os outros 114 estabelecimentos, estão dispersos por todo o tecido urbano da cidade. Muitos destes bairros, com exceção do Distrito Industrial, foram formados a partir da aglomeração de ex-trabalhadores de fábricas tradicionais de Franca.

Desta forma, o direcionamento destas atividades aos bairros periféricos também tem como justificativa a proximidade com outras empresas produtoras de calçados, prestadoras de serviços, ou fornecedoras de insumo como, os curtumes, indústrias químicas, solados, borracha, enfeites etc. (SPOSITO; SILVA, 2010).

Os bairros que mais concentram estabelecimentos produtivos também são os que apresentam as mais tradicionais empresas, como o Distrito Industrial e o Paulistano, são estas

[6] Faixas divididas a partir de modo de classificação por quebras naturais, em que se divide a amplitude dos valores de atributos em subfaixas de igual tamanho. As áreas representadas são representadas nas seguintes faixas: Muito Baixa (0); Baixa (3.01); Média (6.02); Alta (9.03); Muito Alta (12).

empresas que mais subcontratam serviços produtivos de estabelecimentos menores e/ou informais na cidade.

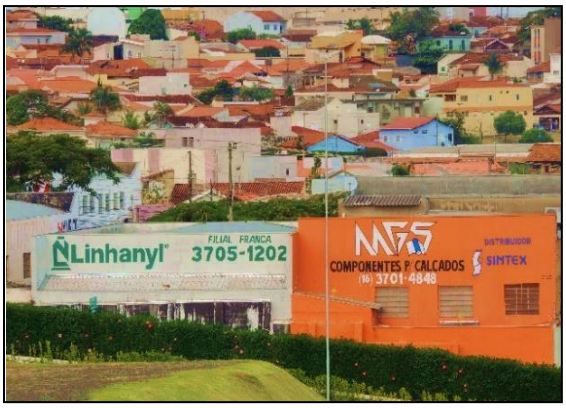
A produção se espraia por Franca e pela região, antes de chegar ao território nacional, por meio de pequenas fábricas que produzem partes específicas do calçado, muitas vezes, comandadas por processos produtivos de empresas maiores. Estes estabelecimentos menores se interligam com outras fábricas em diferentes áreas da cidade, a partir do transporte cotidiano de componentes, equipamentos, embalagens e, outras partes do calçado.

Aos poucos a produção é transformada, antes integrada, agora passa a ser um verdadeiro quebra-cabeça calçadista que possui o tecido urbano regional como plano de fundo, e confunde avenidas, ruas, bairros e rodovias, com linhas de produção em plena atividade.

Neste sentido, a produção passa a ser realizada em todo o espaço urbano regional, sobretudo em bairros que se distanciam do Centro da cidade ou, nas cidades próximas. No intraurbano, em cada quadra é perceptível a presença de empresas e lojas de insumos produtivos, componentes, ou máquinas e equipamentos (fotos 1 e 2).

**Foto 1 e Foto 2: Insumos produtivos e componentes distribuídos nos bairros de Franca.**




Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

É possível encontrar em Franca inúmeras bancas e pequenas empresas produtoras de calçados, dispersas nesses bairros. Muitas vezes, essas bancas estão em casas que apresentam fachada de fácil identificação (foto 3). Mas, em outros casos, estão no interior das casas (foto 4), sendo quase impossível identificá-las, exceto pelo barulho de máquinas e cheiro de cola.

**Foto 3 e Foto 4: Distribuição de bancas na cidade de Franca.**



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Pelo observado durante a pesquisa e com base nas entrevistas realizadas em Franca, nos anos de 2017 e 2019, com trabalhadores de pequenos estabelecimentos formais e informais, as bancas informais e o próprio trabalho domiciliar tendem a estar nos fundos de quintais e casas fechadas. Seria uma tarefa difícil identificar onde todas as bancas informais estão localizadas. Mas é sabido que o trabalho informal cresceu sobremaneira nas últimas décadas, evidenciado pela abertura crescente de bancas e de trabalho em domicílio.

No sentido de compreender como se estabelece o circuito que vincula as relações produtivas entre empresas na cidade de Franca, destaca-se tanto uma concentração, como uma centralização da

produção de calçados, a partir de novas lógicas de localização dos estabelecimentos industriais com o intuito de diminuir custos produtivos, aumentar produtividade e, deste modo, se manterem competitivos, frente aos novos ditames da globalização.

As novas dinâmicas territoriais são vistas a partir de circuitos espaciais produtivos multi e transescalares, sobretudo quando as empresas passam a aproveitar vantagens competitivas na região e no território para diminuição de custos produtivos e manutenção da competitividade. O Nordeste brasileiro é o responsável por receber grande parte dos investimentos industriais calçadistas das regiões Sul e Sudeste, sobretudo, Bahia, Paraíba e Ceará.

As empresas francanas, por estarem tradicionalmente ligadas à produção de calçados de couro, apresentaram dificuldades quanto ao deslocamento para lugares mais distantes. Neste aspecto, só as maiores realizaram e, ainda assim, o fizeram por etapas. Primeiramente direcionaram sua produção à região, em seguida, encaminharam atividades produtivas ao território nacional, como fizeram entre os anos de 1990 e 2000: Samello (Paraíba), Democrata, HB e Pé de Ferro (Ceará); e, entre os anos 2000 e 2010: Ferracini, Freeway (Bahia), Sapatoterapia, Rafarillo (Ceará). Atraídas por vantagens, como os incentivos fiscais, o preço de mão de obra, a infraestrutura oferecida pelos governos estaduais e municipais e, mais recentemente, a possibilidade de exportar mais facilmente seus produtos.

A atuação da empresa Ferracini 24h é um exemplo de como o processo ocorreu. Fundada em 1984, esta empresa produz

atualmente 10 mil itens/dia[7], dos quais 7 mil são calçados de couro (FERRACINI..., 2017). Além disso, sua produção é comercializada em 45 países, além do Brasil, Chile, Equador, Paraguai, Bolívia, República Dominicana, Austrália e Noruega.

É possível perceber a relação de deslocamento de partes da produção que antes estavam concentradas em Franca, para municípios vizinhos, em Minas Gerais e outros estados, como a Bahia. O papel das políticas de atração de investimentos industriais para a Bahia, a exemplo dos estados nordestinos, pode ser evidenciado a partir da reportagem do Jornal da Franca.

> Após anunciar que faria vultuosos investimentos na Bahia o Grupo Ferracini iniciou suas atividades no município de Amargosa – a 260km de Salvador – no último mês de dezembro [de 2018]. Funcionando no galpão da Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial da Bahia (SUDIC), na Avenida Luiz Sandes, que foi reformado para acolher a empresa, a partir de recursos oriundos de um convênio firmado entre o município e o Governo do Estado, a indústria de calçados masculinos inicia suas atividades com investimento de R$12 milhões que devem gerar 300 empregos até o final de 2018 (FERRACINI..., 2018, p. 1).

Percebemos, que os incentivos fiscais oferecidos, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e a concessão de uso remunerado dos galpões existentes em Amargosa foram fundamentais para instalação da empresa neste município, principalmente pela "estrutura física adequada, formada por um complexo industrial com três galpões, refeitório, guarita e localização adequada" (LICIO, 2016).

[7] Além dos tradicionais calçados de couro, a empresa diversifica sua atuação com acessórios como: carteiras, cintos, mochilas, meias e conservadores de calçados.

A empresa recebeu incentivos fiscais do Programa de Promoção do Desenvolvimento da Bahia (PROBAHIA). Entre as vantagens oferecidas pelo território baiano, estavam:

> os incentivos fiscais, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE), bem como a concessão de uso remunerado dos galpões existentes em Amargosa foram fundamentais para a decisão da empresa em escolher o município baiano para expandir seus negócios no Nordeste (GOVERNADOR..., 2016, p. 2).

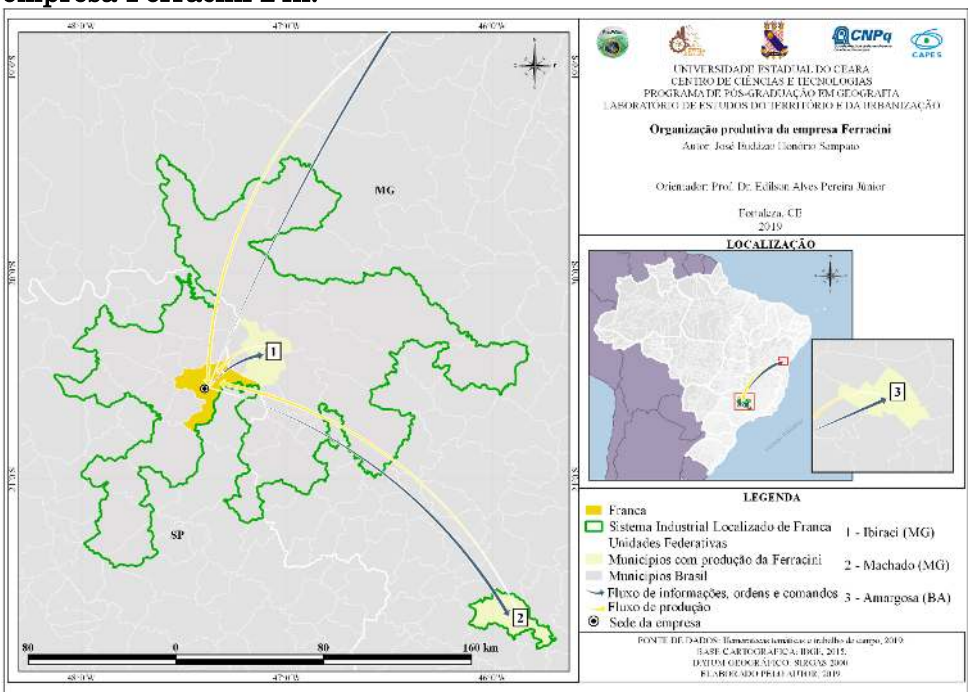
> [...] a Bahia é um dos mais próximos da nossa sede em Franca, no interior de São Paulo. São cerca de 1,5 mil quilômetros de distância. É muito mais vantajoso do que outros lugares, com dois mil ou mais quilômetros de distância. Além disso, [...] condições adequadas de produção com galpões já instalados em um município culturalmente preparado para o mercado calçadista", explica Oliveira (LICIO, 2016, p. 5).

A unidade da Ferracini chega para ocupar galpões utilizados por outras empresas e "a concessão de uso remunerado dos galpões existentes em Amargosa são interessantes quando levados em conta a facilitação da logística de distribuição das mercadorias" (FERRACINI..., 2016). Além disso, a proximidade com Franca, onde a empresa mantém sua sede, em comparação a outros estados, também foi utilizada como fator de localização, uma vez que é de suma importância manter a relação com Franca.

As empresas ao buscarem expandir sua produção para outros mercados e se manterem competitivas, fazem uso das vantagens territoriais diferentes e aproveitam as possibilidades de realizar realocação industrial ao Nordeste. Foram aproveitadas as vantagens oferecidas, como incentivos fiscais e infraestrutura por governos estaduais e municipais. Também a mão de obra barata e

previamente treinada por outras empresas, proximidade com o mercado de consumo nordestino e, ainda, a possibilidade de realizar a exportação a partir dos portos foram citados. Assim, mesmo com a produção realizada em outros estados, ela continua sendo comandada por Franca, como representado no mapa 2.

**Mapa 2: Articulações territoriais e organização produtiva da empresa Ferracini 24h.**




Fonte: Trabalho de Campo, 2019. Organização: Sampaio, J. E. H, 2019

Com matriz e sede em Franca, a empresa coordena e comanda todos os processos de produção. Além disso, distribui dois mil empregos diretos em outras três unidades, Ibiraci e Machado, em Minas Gerais e, Amargosa, na Bahia. Estes municípios estão articulados diretamente pelas ordens que saem de Franca, a partir dos modelos a serem produzidos em cada fábrica.

A questão da proximidade com Franca, as distâncias a serem percorridas com outros estados nordestinos, foi considerada na instalação das unidades produtivas. Isto porque algumas etapas produtivas são levadas de Amargosa (BA) para serem finalizadas na cidade sede da empresa, assim como acontece com a produção realizada em Machado e Ibiraci (MG).

Tais articulações são identificadas, a partir dos fluxos de informações e produção, já que modelos, insumos e fichas de produção saem da sede das empresas em direção a estes municípios e, posteriormente retornam, como partes do calçado ou calçados finalizados. Neste sentido, o circuito espacial produtivo interliga tais municípios e é comandada por Franca, o que fortalece o papel de concentração e centralização da produção.

Para compreender este movimento espacial contraditório, Lencioni (2017) destaca a diferença entre dois conceitos essenciais para a leitura da dinâmica urbana atual e que dizem respeito à reprodução social, a concentração e a centralização. Por concentração entende-se a expansão dos meios de produção e do número de trabalhadores, que indicam a ampliação da base de acumulação. No âmbito do urbano, pode ser identificado a partir da concentração de atividades econômicas que modificam a malha urbana e a aglomeração.

Enquanto isso, a centralização trata diretamente da aglomeração de capitais, quando frações individuais de capitais se associam, se fundem ou se reagrupam. A abolição do capital individual, que transforma capitais menores em um único capital maior, indicando uma reorganização na distribuição da propriedade dos capitais e de seu controle. Na leitura do urbano é possível

verificar a localização da gestão empresarial dos grupos econômicos e das grandes empresas em rede (LENCIONI, 2017).

No âmbito da produção e do trabalho intra-empresa, cada fábrica agora sediada passa a estar organizada de maneira diferente, a variar de acordo com o tipo de calçado produzido. Assim, na sede da empresa, poucas atividades do "chão de fábrica" são realizadas. O que se observa por meio desta disjunção funcional é uma divisão territorial do trabalho que não é só técnica, mas também social, uma vez que há uma tendência à externalização de etapas de produção mais onerosas à empresa e menos qualificadas. Enquanto isso, comando, gestão e design, etapas mais qualificadas, por exemplo, permanecem na sede da empresa e comandam todo o circuito.

No geral, são as grandes empresas que realizam tais estratégias, a fim de reduzir os custos de produção, manter competitividade e aumentar a produtividade. Assim, as ordens, modelos e informações da produção saem de Franca para outros municípios e/ou outros estados, onde o calçado ou parte dele é produzido. Ao mesmo tempo, a relação existente de fluxo de mercadorias, quando partes da produção ou o calçado finalizado retornam para o centro produtivo, pode ser observada.

Este exemplo empírico serve de base para compreensão da dinamicidade das novas práticas produtivas da indústria calçadista. No caso de Franca, a articulação regional passa a ser estabelecida diretamente com municípios da região, tanto de São Paulo, como de Minas Gerais, onde as empresas instalam unidades com algumas etapas produtivas que, no geral, são encaminhadas de volta à Franca, para serem finalizadas.

Tudo isso fortalece não só a articulação regional deste Sistema Industrial Localizado, como dinamiza o circuito espacial

produtivo que se complexifica ao perpassar redes de pequenas empresas, muitas vezes, especializadas em etapas da produção, no intraurbano e na região, ou ainda, no território nacional, quando as empresas ou grupos empresariais aproveitam vantagens oferecidas. Estas redes produtivas são articuladas por empresas maiores, mas as menores também fazem uso destas estratégias flexíveis.

## Considerações finais

O processo de reestruturação produtiva iniciado em fins do século XX impactaram diretamente nas estratégias produtivas e nas relações de trabalho em escala global. As grandes mudanças estiveram diretamente ligadas ao incremento de estratégias flexíveis, em detrimento da rigidez existente. Deste modo, entram em pauta questões ligadas ao desenvolvimento regional e dos Sistemas Industriais Localizados

A indústria calçadista, por necessitar de uma grande quantidade de mão de obra, é um dos gêneros industriais que mais são impactados pelas novas organizações produtivas de caráter flexível, mas que apresentam mescla de formas de produção fordistas. Neste artigo a discussão de um tradicional SIL calçadista do estado de São Paulo que enfrenta, desde os anos de 1990, fortes impactos ligados estas mudanças.

A produção calçadista de Franca passa a estabelecer relações interessantes com o território nacional, ao conformar redes de articulações complexas que envolvem agentes e ações em diversas escalas e intensidades. Portanto, o SIL não fica indiferente ao processo de reestruturação e aos novos interesses competitivos, quando buscam reduzir custos produtivos por meio da disjunção funcional.

No intraurbano, é notável o aumento da concentração de estabelecimentos em bairros periféricos da cidade que, muitas vezes, terceirizam partes ou toda a produção às bancas, ou para estabelecimentos menores, formais e informais.

A centralidade produtiva de Franca é evidenciada quando se trata de analisar sua articulação regional que interliga municípios de São Paulo e de Minas Gerais, mas também, a articular a produção em outros estados mais distantes, como o Ceará e na Bahia, onde as empresas locais instalam filiais produtivas. No primeiro caso, é evidente a complexa divisão inter-regional do trabalho, expandindo a mancha regional de influência de Franca.

No âmbito dos estados nordestinos, destaca-se uma divisão do trabalho que também é técnica, pois as etapas da produção mais qualificadas permanecem no local de origem e, o chão de fábrica, passa a ser deslocado a outros estados, o que destaca o papel do espaço nesta articulação, a partir da ampliação da precarização do trabalho e do acirramento das desigualdades urbano regionais.

## Referências bibliográficas

AYDALOT, Philippe. *Economie régionale et urbaine.* Paris: Economica, 1985. 487 p.

BENKO, George. *Economia, espaço e globalização:* na aurora do Século XXI. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 1999. 266p.

BRAGA FILHO, Hélio. A reorganização da indústria de calçados de Franca. *FACEF Pesquisa,* Franca, SP, v. 3, n. 2, p. 99-124, 2000.

BRASIL. Ministério do Trabalho e do Emprego. *Base de dados estatísticos:* RAIS/CAGED. Brasília, 2018. Disponível em:< http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>, acesso em: 11 maio. 2018.

CANÔAS, J. W. (Org.). *Nas pegadas do sapateiro:* 65 anos do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados. Franca, SP: UNESP, 2007. 336p.

CORIAT, Benjamin. *Pensar pelo avesso:* o modelo japonês de trabalho e organização. Rio de Janeiro: Revan, 1994. 212p.

FERRACINI terá fábrica de calçados na Bahia. *A tarde.* 26 set. 2016. Disponível em:<http://atarde.uol.com.br/economia/noticias/1804435-ferracini-tera-fabrica-de-calcados-na-bahia>. Acesso em: 15 jan. 2019.

FERRACINI inicia operação na Bahia e pretende gerar 300 empregos até final de 2018. *Jornal da Franca,* Franca, 11, jan, 2018. Economia. Disponível em: < http://jornaldafranca.com.br/ferracini-inicia-operacao-na-bahia-e-pretende-gerar-300-empregos-ate-final-de>. Acesso em: 23 jan. 2018.

_____. *LinkedIn,* 2017. Sobre nós. Disponível em: < https://www.linkedin.com/company/calcados-ferracini-ltda-/about/>. Acesso em: 16 abr. 2019.

FISHER, André. *Industrie et espace géographique:* introduction à la geógraphie industrielle. Paris: Masson, 1994. 137p.

GOMES, Maria Terezinha Serafim. *O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do Oeste Paulista:* Araçatuba, Birigui, Marília Presidente Prudente e São José do Rio Preto. 2007. 295 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GOVERNADOR Rui Costa anuncia implantação de fábrica de calçados em Amargosa. *Jornal Grande Bahia.* 21 jan. 2011. Disponível em: <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2016/09/governador-rui-costa-anuncia-implantacao-de-fabrica-de-calcados-em-amargosa/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

HARVEY, David. A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX. In:_____. *Condição Pós-Moderna.* 13 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2004. p.115-177.

LARA, Ricardo. O trabalho invisível em Franca - SP. In: CANÔAS, J. W. (Org.). *Nas pegadas do sapateiro:* 65 anos do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados. Franca, SP: UNESP, 2007. p. 233-327.

LENCIONI, Sandra. *Metrópole, Metropolização e Regionalização*. São Paulo: Consequência, 2017.

MÉNDEZ, R.; CARAVACA, I. *Organización industrial y territorio.* Madrid: Sintesis, 1996.

LICIO, Melo. Ferracini investirá R$ 12 milhões em nova fábrica. *BVMI,* Campinas, 11, dez, 2016. Disponível em: <https://www.bvmi.com.br/ferracini-investira-r-12-milhoes-em-nova-fabrica/>. Acesso em: 14 jan. 2018.

NAVARRO, Vera Lúcia. *Trabalho e trabalhadores do calçado:* a indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais à reestruturação produtiva. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 304p.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. *Território e economia política:* uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 478 p.

REIS, José. *Os espaços da indústria:* a regulação econômica e o desenvolvimento local em Portugal. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1992. 278 p.

SAMPAIO, José Eudázio H. *Novas dinâmicas territoriais do sistema industrial localizado calçadista de Franca (SP).* Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, fevereiro de 2020. 331p. Dissertação (Mestrado em Geografia).

SAMPAIO, José Eudázio H.; PEREIRA JÚNIOR, Edilson. O sistema industrial localizado de calçados de Franca (SP) e sua nova configuração urbano regional. *Espaço e Economia:* Revista Brasileira de Geografia Econômica, Rio de Janeiro, 2019.

SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA. *Relatório Mensal:* Nicc polo Franca. Franca, SP. 2018. Disponível em: <http://www.sindifranca.org.br/estatisticas.html>. Acesso em: 13 out. 2018.

SOJA, Edward W. *Geografias Pós-Modernas:* a reafirmação da teoria social crítica. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 323 p.

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Anderson Alberto da. *Relatório de iniciação científica da FAPESP:* caracterização e especificidades de um polo industrial calçadista: o exemplo de Franca-SP. Presidente Prudente, [s.n], 2010. 75 p.

VELTZ, Pierre. *Le nouveau monde industriel.* Paris: Éditions Gallimard, 2008. 276 p.

Submetido em: 28 de março de 2020.
Devolvido para revisão em: 08 de junho de 2020.
Aprovado em: 25 de junho de 2020.

**Como citar este artigo:**

SAMPAIO, José Eudázio Honório. Novas articulações urbano-regionais do sistema industrial localizado calçadista de Franca (SP). **Terra Livre**, v. 1, n. 54, p. 198-226, jan.-jun./2020.